

ANALFABETOS POUCO FUNCIONAIS

Affonso Romano de Sant'Anna

Nos últimos 12 anos, país afora, andei fazendo 12.212 palestras sobre o "analfabetismo funcional". Ou seriam 12.211? Não importa. Vocês sabem que estou querendo dizer "inúmeras" conferências sobre aquele tema.

Pois agora abrimos os jornais e descobrimos, alarmados, que o MEC aplicou um exame nos alunos concludentes do ensino médio e descobriu que 74% deles não compreendem o que lêem e receberam notas inferiores a 40 numa escala de zero a 100.

A culpa, portanto, não foi minha. Quem avisa amigo é. Durante os seis anos em que dirigindo a Biblioteca Nacional implantamos o PROLER, tentei convencer a todos os seis ministros a quem servi, a todos os demais ministros com quem topava e aos três presidentes com quem convivi, que o estabelecimento de uma política nacional de leitura, que passasse por todos os ministérios e fosse prioridade da Presidência, era um instrumento de transformação do país.

A despeito da inércia governamental conseguimos mobilizar 33 mil voluntários no país. Mas foi no moribundo governo Fernando Henrique que tivemos as maiores dificuldades. Dois exemplos. Logo que Paulo Renato assumiu o Ministério da Educação pedi uma entrevista com ele. Entrei em sua sala. Expliquei-lhe detalhadamente o que era o PROLER e o que era o potencial do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas com cerca de quatro mil unidades. Ele me ouviu enigmaticamente mudo. Não disse uma só palavra. Acho que não entendeu o espírito da coisa. Despedimo-nos. E pronto.

Com o ministro Weffort, foi pior. Fez tudo ao seu alcance para acabar e/ou mediocrizar o programa de leitura. Conseguiu. Fez-me lembrar a frase infeliz que também ouvi de Antônio Houaiss, enquanto ministro da cultura: "leitura não é um assunto prioritário em meu ministério".

Por isto estamos assim. E há mais: outro programa- o LEIA BRASIL, que a Petrobras patrocinou durante anos e era considerado dos mais eficazes da empresa, no governo Fernando Henrique foi posto em jejum até a inanição.

No entanto, o que tantos especialistas e trabalhadores na área da leitura estavam demonstrando com suas ações? Uma coisa simples: que além de estratégias novas para incrementar a leitura na escola, era preciso "desescolarizar" a leitura, ou seja, demonstrar que esse assunto interessa a todos os ministérios e à toda a sociedade. O princípio era simples: não há país desenvolvido que não tenha

priorizado a leitura como elemento de conscientização e transformação social. Programas de promoção da leitura ajudam a aumentar a produtividade nas empresas, diminuem acidentes de trabalho, ensinam as pessoas a cuidar da saúde, barateando os custos nessa área, ajudam a recuperar criminosos e melhora a prática da cidadania.

Nas 12.212 (ou 12.211?) conferências que fiz a respeito, ressaltava que tínhamos três desafios ao mesmo tempo: o analfabetismo convencional(esse dos iletrados), o analfabetismo funcional(esse dos que mal sabem ler e não conseguem sequer entender as questões dos vestibulares) e o analfabetismo tecnológico(a que estamos sujeitos todos por causa das novas tecnologias).

E não há outra alternativa. Ou o próximo governo toma isto a peito como uma política do presidente e uma ação interministerial, ou vamos continuar estatisticamente ao lado do Haiti e Sudão.
